

PERSPECTIVAS DO BRINCAR: UMA REVISÃO DA LITERATURA

Heloisa Sbrissia Selzler (1)
Francis Kanashiro Meneghetti (2)

Universidade Tecnológica Federal do Paraná, heloisa.selzler@gmail.com (1)
Universidade Tecnológica Federal do Paraná, fkmeneghetti@gmail.com (2)

Resumo: Tema muito abordado em relação à infância, o brincar é muito estudado e sua importância muito difundida, ao mesmo tempo em que as pressões à alfabetização precoce e as rotinas impostas às crianças não permitem que o mesmo seja vivido em sua totalidade. Reconhecendo sua importância, diversos autores já elegeram o brincar como categoria importante a ser pesquisada e o teorizaram em diversas perspectivas, as quais servem como guia de estudo para diversos pesquisadores (as) ao escolher um norte epistemológico. Devido à grande diversidade de teóricos sobre o brincar, esse trabalho tem como objetivo sintetizar as principais e mais difundidas teorias sobre o tema, justamente para clarificar as principais ideias e auxiliar os (as) pesquisadores (as) do tema a encontrarem em um único trabalho, vários referenciais distintos. Nesse sentido, foi feita uma revisão bibliográfica em obras originais de treze autores escolhidos: Rousseau, Froebel, Dewey, Piaget, Wallon, Vygotsky, Leontiev, Elkonin, Bruner, Freud, Fernandes, Brougère e Corsaro. Diante da diversidade de pontos de vista foi realizada uma separação por categorias de análise em três perspectivas: filosófica, psicológica e sociocultural. Como resultados, o brincar foi visto com imensa importância e diferentes entendimentos, principalmente como propulsor do desenvolvimento moral, cognitivo, físico, cultural e intelectual da criança, como possibilitador da internalização de regras sociais, orientador para significados mais universais e fundamentais da atividade humana e integrante da cultura lúdica.

Palavras-chave: Brincar, Desenvolvimento Infantil, Revisão Bibliográfica.

Introdução

A visibilidade social da criança e os estudos relativos à mesma como categoria autônoma e categoria da história humana passam a ser de extrema importância, principalmente num contexto em que a infância possui grande valor social e que as crianças passam a ser portadoras de direitos fundamentais. A categoria infância deve ser entendida na sua pluralidade, da mesma forma que ser criança varia entre sociedades, culturas, comunidades, família, estratificação social, duração histórica e definição institucional da infância dominante em cada época e, portanto, é preciso reconhecer as diferenças e diversidades infantis construídas socialmente.

Olhar a infância é também olhar o brincar inculcido nela. O brincar caracteriza a infância e é guia para compreender o desenvolvimento emocional, social, intelectual, cognitivo, afetivo e cultural das crianças. Estamos inseridos em uma realidade com menor oferta de espaços para o brincar livre e coletivo, maior incentivo à compra de brinquedos industrializados e descartáveis, pressões para a alfabetização precoce, rotinas e compromissos impostos às crianças e diminuição dos recreios nas escolas e, por isso, cabe a nós entendermos como o fenômeno do brincar vem sendo teorizado, estudado, valorizado e levado em consideração ao longo dos anos.

O brincar constitui uma categoria muito estudada em diferentes perspectivas e possui uma grande estrutura teórica. Muito já se escreveu sobre o tema, que segue diferentes concepções e entendimentos. Nesse sentido, esse trabalho tem o objetivo de sintetizar as principais teorias sobre o brincar¹, sob diferentes perspectivas (filosófica, psicológica e sociocultural) para contribuir na elucidação e sintetização desse assunto tão amplo e conseqüentemente, na articulação desse conjunto de referenciais teóricos.

Metodologia

Para essa pesquisa partiu-se de uma revisão da literatura, de cunho qualitativo, viabilizada por um estudo bibliográfico de diferentes obras que abordam o brincar. O objetivo é sistematizar as referências bibliográficas mais relevantes sobre o tema e, por conseguinte, adotar como categorias de análise três perspectivas sobre o brincar: perspectiva filosófica, perspectiva psicológica e perspectiva sociocultural.

A revisão bibliográfica possui grande relevância no que diz respeito à sua contribuição com a investigação e desenvolvimento do conhecimento (LAKATOS e MARCONI, 2010). Seguindo as etapas propostas por Gil (2017) para a revisão bibliográfica, o tema escolhido foi o brincar. O levantamento bibliográfico preliminar possibilitou identificar o grande universo sobre o tema e as diferentes perspectivas em que o mesmo é abordado. O problema identificado foram os diferentes pontos de vista teorizados sobre o brincar e a necessidade de sintetizar essas perspectivas, a fim de colaborar com futuras pesquisas. As fontes bibliográficas utilizadas consistiram, principalmente, nas obras dos autores que tratavam sobre o tema, ou seja, em livros de leitura corrente disponíveis em bibliotecas convencionais. A leitura dos materiais se deu, primeiramente, de maneira exploratória para se ter uma visão geral da obra, seguida de uma leitura seletiva, que buscou o assunto do brincar de maneira mais específica. O que foi analisado se encontra no próximo tópico, dividido entre as três categorias de análise (filosófica, psicológica e sociocultural) e é realizada uma síntese no Quadro 1.

Na perspectiva filosófica foram analisados os seguintes autores: Rousseau, Froebel e Dewey. Já na perspectiva psicológica: Piaget, Wallon, Vygotsky, Leontiev, Elkonin, Bruner e Freud. E, por fim, na perspectiva sociocultural: Gilles Brougère, William Corsaro, Florestan Fernandes.

¹ A terminologia do brincar é muito variada, nesse caso essa atividade lúdica é abordada também por outras três definições utilizadas pelos autores: brincadeira, brinquedo e jogo.

Resultados e Discussão

Neste tópico serão apresentados, resumidamente, a biografia de cada autor, seguida de uma breve contextualização sobre sua linha teórica relativa à infância, finalizando com seu entendimento sobre o brincar. Esse trabalho não se propôs à análise crítica das teorias, apenas sua exposição e rápida explanação.

Quadro 1 - Perspectivas teóricas sobre o brincar sob o ponto de vista de cada autor apresentado

Perspectiva	Autor	Frase síntese
Filosófica	Jean-Jacques Rousseau	O brincar é propulsor dos aspectos psicomotores, afetivos, sensoriais e sociais.
Filosófica	Friedrich Froebel	A brincadeira espontânea revela o futuro da vida interna do homem.
Filosófica	John Dewey	O jogo é uma ponte entre as necessidades infantis e os valores vivenciados em suas experiências.
Psicológica	Jean Piaget	Os jogos permeiam nosso desenvolvimento.
Psicológica	Henri Wallon	O brincar é uma exploração apaixonada.
Psicológica	Lev Vygotsky	A essência do brinquedo é criar uma nova relação entre pensamento e situação real.
Psicológica	Daniil Elkonin	O jogo protagonizado insere a criança na realidade social e reconstitui seus aspectos.
Psicológica	Alexei Leontiev	No brincar a criança evoca aquilo que vivencia no mundo adulto.
Psicológica	Sigmund Freud	A brincadeira e o brinquedo possibilitam representar psiquicamente os processos internos da criança.
Psicológica	Jerome Bruner	A brincadeira se torna ponte para acessar o acervo cultural e organizar a experiência infantil no mundo.
Sociológica/cultural	Florestan Fernandes	A brincadeira é o elo para a construção da identidade infantil.
Sociológica/cultural	Gilles Brougère	A brincadeira é um processo de relações interindividuais, portanto de cultura.
Sociológica/cultural	William Corsaro	As brincadeiras de dramatização de papéis permitem a aprendizagem de conhecimentos sociais específicos.

Fonte: autoria própria

Importante filósofo iluminista e escritor político, o pensamento de **Jean-Jacques Rousseau** (1712-1778) foi uma significativa influência para os ideais da Revolução Francesa e, em

relação à infância, lançou um novo olhar, rompendo com o pensamento da criança como um adulto em miniatura.

“A criança tem suas maneiras de ver, de pensar e de sentir” (ROUSSEAU, 2017, p. 15), assim o filósofo inaugurou uma nova abordagem à infância, considerando-a como categoria autônoma de extrema relevância, vista como única e singular. A criança deve conhecer o mundo através de seus sentidos e estímulos, a fim de se tornar um ser dotado de autonomia. A obra mais específica sobre infância foi *Emílio*, nela Rousseau relata de que forma deve ser conduzida a infância, principalmente no que diz respeito à educação e no papel do adulto como condutor, e não impositor às descobertas do mundo da criança.

“Amái a infância; favorecei seus jogos, seus prazeres, seu amável instinto. Quem de vós nunca não desejou retornar a essa idade em que o riso está sempre nos lábios e a alma está sempre em paz?” (ROUSSEAU, 2017, p. 90). Rousseau elegeu o brincar como propulsor do desenvolvimento da criança, principalmente no que diz respeito aos aspectos psicomotores, afetivos, sensoriais e sociais. O brincar está intimamente ligado à cognição e ao corpo físico da criança, perpassando sempre pelas atividades sensoriais e exploratórias. Nesse sentido, as percepções, os sentidos e o próprio brincar possibilita à criança apreender o mundo e se desenvolver, até se tornar um adulto autônomo e livre.

Pedagogo alemão criador dos Jardins de Infância, **Friedrich Wilhelm August Froebel** (1782-1852) delineou sua filosofia a partir do pressuposto da unidade entre Deus, o ser humano e a natureza. Essa unidade vital deveria estar firmada para que o indivíduo fosse conduzido ao pleno desenvolvimento, dessa forma, o físico, o intelectual e o espiritual formam uma unidade relacionada internamente.

Essa mesma tríade também se traduziu na essência da proposta educacional de Froebel e permitiu o desenvolvimento de dois dos seus principais conceitos: a *interiorização* e a *exteriorização*, cuja função era dar consciência ao autoconhecimento. O primeiro diz respeito ao recebimento de conhecimentos do mundo exterior que passam a ser interiorizados. Já a exteriorização é quando a criança exterioriza seu interior e passa a ter autoconsciência do seu ser, e para isso necessita trabalhar com o concreto, como a arte e o jogo, por exemplo (ARCE, 2002).

Para Froebel, o jogo e o brinquedo servem como mediadores dos processos de exteriorização e interiorização, levando a criança a descobrir sua essência divina, parte da unidade vital. Por isso, a brincadeira é considerada com muita importância para o desenvolvimento infantil. Assim enfatiza: “A brincadeira é a fase mais alta do

desenvolvimento da criança – do desenvolvimento humano neste período; pois ela é a representação auto ativa do interno.” (FROEBEL, 1887, p. 55-56).

Muito crítico à pedagogia “tradicional” e à repressão educacional, esse filósofo do período romântico, defendia as crianças, sua liberdade, espontaneidade e considerava o brincar como algo primordial para o desenvolvimento moral, intelectual e físico, unindo o sentir, o conhecer e o querer em um ato espontâneo e próprio da criança.

Importante filósofo do século XX, **John Dewey** (1859-1952) foi autor de uma filosofia baseada entre a teoria e a prática, além de contribuir com seu ideário democrático na educação. A teoria do conhecimento desenvolvida por Dewey salientava a necessidade de comprovar o pensamento através da ação. A *experiência* é considerada como unidade entre a atividade do homem e a vida, ela possibilita a realização de qualquer atividade e permite o contato com a realidade. Assim, a educação para Dewey (1961) é também resultado das experiências e permite dar significação à vida. Além disso, guia a criança para uma vida em sociedade e a conduz para o processo de participação, por isso, a democracia é central no pensamento deweyano.

Vincular as atividades instintivas da criança e suas experiências sociais permite o bom êxito da educação, dessa forma, Dewey destaca o jogo como elemento essencial para o desenvolvimento infantil. O que é natural à criança está diretamente ligado aos seus interesses e experiências, exatamente o que ocorre no jogo, que é espontâneo, inevitável e prazeroso. A filosofia deweyana está pautada na ação e na atividade como propulsoras de virtudes positivas, nesse sentido, os jogos permitem o “aprender fazendo” relacionado aos interesses e experiências sociais. O jogo é visto como um elo entre as necessidades infantis e os valores vivenciados nas suas experiências.

Autor da Epistemologia Genética, o biólogo suíço **Jean Piaget** (1896-1980) estudou o desenvolvimento cognitivo e considerou o conhecimento como uma construção do próprio homem a partir da interação com o ambiente em que está inserido. O indivíduo constrói esquemas de assimilação² a partir de estruturas já existentes.

No brincar, a criança também adapta a realidade e os conhecimentos aos seus esquemas, o que faz do jogo uma orientação cognitiva, integrado à vida mental e orientador do comportamento, sendo o mesmo um propulsor da transformação do real pelo processo de

² É um processo de integração de novos conceitos, eventos, objetos ou situações em esquemas do próprio indivíduo, o que possibilita a ampliação dos mesmos, mas não sua transformação. Quando não consegue assimilar, a mente desiste ou modifica um esquema. Ao modificar, os esquemas se reestruturam para incorporar novos aspectos e ocorre a acomodação.

assimilação. “Quase todos os comportamentos (...) são suscetíveis de se converter em jogo uma vez que se repetam por assimilação pura, isto é, por simples prazer” (PIAGET, 1971, p. 207). Durante todo o desenvolvimento cognitivo, os jogos permeiam as diferentes fases de desenvolvimento e as caracterizam. Piaget ainda diferencia tipos de jogos que caracterizam cada fase do desenvolvimento infantil, são eles: *jogo exercício*; *jogo simbólico*; *jogos de regras* e *jogos de construção*.

Médico e teórico sobre o desenvolvimento social e afetivo e também adepto ao materialismo-histórico, **Henri Paul Hyacinthe Wallon** (1879-1962) tem com ponto chave da sua teoria o entendimento do homem como ser organicamente social. A ação da criança sobre o mundo só é possibilitada pelas relações interindividuais de sociabilidade. O entendimento sobre o desenvolvimento cognitivo está baseado em quatro elementos principais e comunicantes: movimento, afetividade, emoções e formação do eu.

O desenvolvimento também se dá por etapas e o brincar é considerado um estágio do desenvolvimento infantil, é atividade própria da criança e “se confunde com toda a sua atividade enquanto esta permanecer espontânea e não receber seus objetos das disciplinas educativas” (WALLON, 2007, p. 54). Segundo o autor: “O brincar [...] parece-se com uma exploração jubilosa ou apaixonada, que tende a pôr todas as possibilidades da função à prova. Parece motivado por uma espécie de avidez ou de desejo de fazer a função tocar seus limites” (WALLON, 2007, p.60). O brincar se opõe à atividade séria do trabalho, mas não significa que o mesmo não exija um esforço, muito pelo contrário. É considerado como uma atividade sem fim, pois não é subordinado e tampouco utilitário. De idade em idade, o brincar indica o advento de diferentes funções: sensório-motora, precisão, rapidez, classificação intelectual, relação diferenciada, articulação, memória verbal, enumeração e sociabilidade (WALLON, 2007).

Psicólogo bielorrusso, **Lev Semionovich Vygotsky** (1896-1934) entende que o desenvolvimento cognitivo está sempre referido ao contexto social, histórico e cultural em que ocorre. Nesse caso, não é o desenvolvimento cognitivo que possibilita a socialização, mas o contrário, é a socialização que permite o desenvolvimento das funções mentais superiores (pensamento, linguagem, comportamento volitivo).

A brincadeira é responsável por criar uma zona proximal na criança, pois a mesma promove uma situação imaginativa através da atividade livre, o que possibilita o desenvolvimento da iniciativa, a expressão de seus desejos e a internalização das regras sociais. A criança se desenvolve através da atividade brincante, pois nela estão contidas a esfera imaginativa, a criação das intenções voluntárias, formações de planos reais e as

motivações volitivas. A essência do brinquedo é criar uma nova relação entre o significado e a percepção visual, portanto, entre pensamento e situação real.

No brinquedo, espontaneamente, a criança usa sua capacidade de separar significado do objeto sem saber o que está fazendo [...] Dessa forma, através do brinquedo, a criança atinge uma definição funcional de conceitos ou de objetos, e as palavras passam a se tornar parte de algo concreto (VYGOTSKY, 2007, p. 117).

A primeira manifestação da emancipação da criança se dá, justamente, na criação de uma situação imaginária, e o maior autocontrole é alcançado quando a criança se esforça na renúncia - causada pelas regras do jogo - a uma atração imediata. “Assim, o atributo essencial do brinquedo é que uma regra torna-se desejo” (VYGOTSKY, 2007, p. 118). É no ato do brincar que a criança satisfaz o prazer que a regra interna a ela proporciona, fazendo desse ato um meio único de aquisições que serão bases de sua ação real e moral.

Psicólogo e paidólogo³, **Daniil Borisovich Elkonin** (1904-1984) chegou a ser auxiliar de Vygotsky e seus fundamentos teórico-metodológicos foram baseados na Psicologia Histórico Cultural. O desenvolvimento infantil era entendido por Elkonin sob o pano de fundo da cultura e da sociedade em que a criança está inserida.

As hipóteses do autor sobre o brincar estão centradas, principalmente, nos chamados jogos protagonizados ou jogo de papéis, e tratam como as crianças se apropriam e reconstruem as atividades e relações do mundo dos adultos. Segundo Elkonin (2009), a origem dessa brincadeira é uma origem histórica, decorrente do afastamento da criança do mundo do trabalho, principalmente com a industrialização e, conseqüentemente, sua não adequação e inserção no modo produtivo, o que a separou do mundo do adulto.

Nesse sentido, a partir dos jogos de papéis, a criança se orienta para significados mais universais e fundamentais da atividade humana, o que a desperta para atividades dotadas de significados sociais. Protagonizar o adulto através da brincadeira permite à criança recriar sua realidade, portanto, a base dessa brincadeira é a atividade concreta e as relações pessoais. O jogo protagonizado é visto com muita importância para o desenvolvimento infantil, pois é na ação que são formadas as funções psicológicas, o que faz do jogo a ação necessária para internalizar habilidades sociais e formação de Funções Psicológicas Superiores, além de afetar o desenvolvimento da personalidade e da consciência.

³ Estuda a criança em sua complexidade sob o ponto de vista da sociologia, genética, fisiologia, pedagogia e psicologia.

Psicólogo russo nascido em Moscou, **Alexei Nikolaievich Leontiev** (1903-1979) graduou-se Ciências Sociais e também participou do movimento da Psicologia Histórico Cultural. As obras de Leontiev perpassam a teoria da atividade⁴.

A relação do indivíduo com o mundo e sua apropriação se caracteriza diferentemente em cada estágio ao longo do desenvolvimento humano, sendo cada estágio marcado por uma atividade principal. Essa atividade principal ou dominante, segundo Leontiev (1978), não significa a atividade mais frequente em determinado estágio, como no caso da infância, mas sim “aquela cujo desenvolvimento condiciona as principais mudanças nos processos psíquicos da criança e as particularidades psicológicas da sua personalidade num dado estágio do seu desenvolvimento” (p. 293).

A atividade principal de uma criança na idade pré-escolar é o brincar, sendo responsável pelo seu desenvolvimento psicológico. Esse estágio etário abre o mundo da criança às atividades humanas e redefine as brincadeiras em sua forma e conteúdo. Uma das características do brincar é ser dotado de um fim em si mesmo. No brincar, a criança evoca aquilo que vivencia no mundo adulto, afinal, o social é o determinante de suas ações, por isso, Leontiev evidencia que não é a imaginação que proporciona o brincar, mas o contrário, são as situações materiais que dão origem à fantasia. Leontiev (1988) ainda pontua que o brincar estimula processos psicológicos como autocontrole, abstração, imaginação ativa, apropriação de padrões comportamentais, assimilação de funções sociais, ativam funções psíquicas como imaginação, memória, percepção, atenção e autodisciplina.

Médico e Pai da Psicanálise, **Sigmund Schlomo Freud** marcou profundamente o século XX com seu pensamento, que perdura como referência até hoje. Segundo Mrech (2008), a Psicanálise se diferencia das outras abordagens ao privilegiar a noção de estrutura e não de desenvolvimento. Entende-se que a estrutura individual de cada criança é singular e ligada à história de cada sujeito, pois não existe um desenvolvimento igual ao outro.

Segundo Freud (2006), o brincar infantil tem como fim a produção de prazer e nele está presente a repetição de tudo o que provocou impactos na vida real. A brincadeira e o brinquedo possibilitam representar psiquicamente os processos internos da criança. Freud também afirma que as pulsões sexuais da fase de latência são dirigidas para outros fins, sendo um deles a liberação de tensões recalcadas no contato com os brinquedos, ou seja, no processo de sublimação.

⁴ Concepção que advoga que a forma particular de fixação e transmissão das aptidões humanas resultam da atividade.

PhD em Psicologia, **Jerome S. Bruner** (1915-2016) foi contrário ao objetivismo presente na Psicologia e crítico ao behaviorismo. A proposta de Bruner foi chamada de Psicologia Cultural, cujo propósito é o estudo relacionado aos significados e o uso desses nas ações humanas. Nessa perspectiva, a construção do conhecimento está inteiramente relacionada ao contexto social e cultural do indivíduo, situando o “si mesmo” culturalmente e historicamente.

Bruner analisa a brincadeira, colocando como referência o desenvolvimento da criança e suas três formas de compreensão de mundo: enativa (motricidade), icônica (imagens) e simbólica (símbolo). Para o autor, o brincar possibilita a descoberta de regras, o desenvolvimento da linguagem e a resolução de problemas, principalmente nas brincadeiras interativas com adultos e nas brincadeiras de esconder (KISHIMOTO, 2008). Ainda segundo Bruner (1974) a construção do pensamento narrativo também está presente no brincar, visto que o ato lúdico retrata um nível de pensamento intuitivo e imaginário, o qual permite a criança representar seu mundo.

Posto que a teoria de Bruner considera que a produção de significados é realizado por sistemas simbólicos presentes na cultura e que a mente é constituída no social, a brincadeira se torna ponte para acessar o acervo cultural. Para além, a brincadeira possibilita a fala, a movimentação, a resolução de problemas, aquisição de competências e aprimora o desenvolvimento cognitivo.

Paulista, formado em Ciências Sociais pela USP, **Florestan Fernandes** inaugurou uma nova Sociologia no Brasil, a chamada Sociologia Crítica. Partindo de uma interpretação formulada pela realidade e historicidade do povo brasileiro, o pensamento de Florestan Fernandes inaugurou uma nova forma de pensar o passado e o presente.

Um dos grande interesses de Florestan também era o folclore e a cultura infantil, temas desenvolvidos em um dos seus primeiros trabalhos, intitulado *As trocinhas do Bom Retiro: contribuição ao estudo Folclórico e Sociológico da Cultura e dos Grupos Infantis*. Desenvolvida na década de 40, a obra é uma referência pelo ineditismo do entendimento da criança como sujeito cultural e pela observação minuciosa dos grupos infantis. O autor analisou tanto as relações entre as crianças quanto a apropriação folclórica nas brincadeiras de rua (trocinhas - nome dado pelas próprias crianças). Em vista disso, o folclore foi analisado na relação dos sujeitos concretos, a fim de entender sua significação na cultura brasileira. Isso possibilitou o autor identificar que a experiência socializadora do folclore permite: “a criança não só aprende algo, como adquire uma experiência societária de complexa significação para o desenvolvimento da sua personalidade” (FERNANDES, 2004, p. 13).

Esse olhar de Florestan Fernandes para as “trocinhas” possibilitou ver o brincar como atividade central na incorporação de valores, normas e cultura, o que permite o desenvolvimento psicológico, social e cognitivo, essencial na caracterização da identidade infantil.

Filósofo e antropólogo, **Gilles Brougère** (1955-) se dedica aos estudos sobre o brinquedo, a brincadeira, o jogo e suas relações com a pedagogia. Guiado à luz de uma perspectiva socioantropológica, o pesquisador, ao longo de várias obras, tece os seus argumentos sobre o brincar a partir do pano de fundo da *cultura lúdica*.

Segundo o mesmo, a cultura lúdica é “uma estrutura complexa e hierarquizada, constituída de brincadeiras conhecidas e disponíveis, de costumes lúdicos, de brincadeiras individuais, tradicionais ou universais e geracionais.” (BROUGÈRE, 2001, p. 50). Para Brougère (2001), o brincar não é uma premissa interna ao indivíduo, mas uma atividade dotada de significação social e que necessita aprendizagem: “É preciso, efetivamente, romper com o mito da brincadeira natural [...] Não existe na criança uma brincadeira natural. A brincadeira é um processo de relações interindividuais, portanto de cultura”.

A brincadeira, portanto, é atividade empreendida pela criança quando a mesma simboliza o real através de ações, objetos e relações com esses, que justamente possibilitem a confrontação com a realidade. A brincadeira é “caracterizada pela possibilidade de a criança ser o sujeito ativo, numa situação sem consequências imediatas e incerta quanto aos resultados” (BROUGÈRE, 2001, p. 9). Essa apropriação do mundo exterior transformada em atividade conduzida, dominada, reproduzida e significada pela criança em função de seu interesse e prazer, e que escapa à função precisa, faz da brincadeira a porta de entrada e de confrontação com a cultura em que está inserida. Para Brougère, o brinquedo é considerado como suporte de uma representação, de uma brincadeira. É durante a brincadeira que a criança confere significado ao brinquedo, portanto, o mesmo possibilita ações coerentes com as representações feitas nas brincadeiras (BROUGÈRE, 2001).

Sociólogo norte-americano, **William Corsaro** (1948-) é conhecido pelos estudos da sociologia da infância, métodos etnográficos com crianças, processos de socialização e cultura de pares. O pesquisador lançou uma abordagem alternativa ao conceito de socialização na infância, que chamou de *reprodução interpretativa*, a qual busca capturar aspectos da participação das crianças no meio social.

Segundo Corsaro (2009), as crianças são afetadas pela sociedade e cultura nas quais estão inseridas, desse modo elas não apenas internalizam a cultura, mas contribuem ativamente na produção e na mudança cultural. Elas não apenas reproduzem ou imitam aquilo

visto nos adultos, mas fazem uma apreensão criativa das informações para atender seus próprios interesses e produzir suas próprias culturas. As brincadeiras de dramatização de papéis permitem a aprendizagem de conhecimentos sociais específicos, a experiência de diferentes formas de ação e relacionamento entre os diferentes tipos de pessoa e refinam estereótipos de gênero construídos socialmente. No jogo sociodramático, ao assumirem papéis, as crianças dispõem da expressão de poder e controle e utilizam dessa dramatização para projetar seu futuro.

Conclusões

Como resultados, percebe-se que o brincar assume diferentes entendimentos para os diferentes autores: propulsor do desenvolvimento moral, intelectual e físico da criança; ato que permite apreender o mundo; elo entre as necessidades infantis e os valores vivenciados nas suas experiências; orientador do comportamento; motor da transformação do real, atividade sem fim e não utilitária; possibilitador do desenvolvimento da iniciativa, da expressão de desejos e da internalização das regras sociais; orientador para significados mais universais e fundamentais da atividade humana; estimulador dos processos psicológicos como autocontrole, abstração, imaginação ativa, apropriação de padrões comportamentais, assimilação de funções sociais; atividade que possibilita representar psiquicamente os processos internos da criança; atividade central na incorporação de valores, normas e cultura; faz da criança um sujeito ativo que apreende e reproduz o mundo a fim de atender seus interesses.

Esses entendimentos variam e dependem da época em que o autor viveu, as influências que o mesmo recebeu, a noção vigente em relação à infância, entre outros aspectos que constituem a formulação de um pensamento. Com significados semelhantes ou não, o brincar compreende em um fenômeno cada vez mais estudado e valorizado, cuja importância reflete no mundo e desenvolvimento infantil. Por ser um fenômeno central que perpassa a infância, o brincar está inserido no cotidiano infantil e, conseqüentemente, refletido no âmbito escolar. Muito se vem discutindo sobre a importância ou não do mesmo na vida das crianças, o que sempre gerou estudos relativos ao mesmo. Esse trabalho se propôs, modestamente, contribuir com a síntese da temática.

Referências

ARCE, Alessandra. **Friedrich Froebel: o pedagogo dos jardins de infância**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

BRUNER, Jerome. **O processo da Educação**. trad. de Lólio Lourenço de Oliveira. 4 ed., São Paulo: Nacional, 1974.

CORSARO, William. Reprodução interpretativa e cultura de pares. In: MÜLLER, Fernanda;

DEWEY, John. *My pedagogic creed*. In: Dworking, Martin S (org.). **Dewey on Education**. Nova York: Bureau of Publications, Teachers College, Columbia University, 1961.

ELKONIN, Daniil Borisovich. **Psicologia do jogo**. Tradução de Álvaro Cabral. 2a Ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

FERNANDES, Florestan. **Folclore e mudança social na cidade de São Paulo**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FREUD, Sigmund. Além do Princípio de Prazer. In: FREUD, Sigmund. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. v. 2. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p. 123-198.

FROEBEL, Friedrich. *The education of man*. New York: D. Appleton and company, 1887.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2017.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Bruner e a brincadeira. In: KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org.). **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LEONTIEV, Alexei Nikolaevich. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.

_____. Uma contribuição à teoria do desenvolvimento da psique infantil. In: VIGOTSKII, Lev Semionovich et al. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone/Edusp, 1988.

MRECH, Leny Magalhães. Além do sentido e do significado: a concepção psicanalítica da criança e do brincar. In: KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org.). **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

PIAGET, Jean. **A epistemologia genética**. Rio de Janeiro: Vozes, 1973.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio, ou, Da educação**. São Paulo: Edipro, 2017.

VYGOTSKY, Lev Semionovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7.ed São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2007.